

## Modo *deadline*: uma análise sobre o tempo das mulheres acadêmicas

Emília Araújo\*

Victor Barros\*\*

### Resumo

Ao relacionarmos o tempo na academia e na ciência em uma perspectiva de gênero como condição/pressuposto de partida, são inúmeras as questões que se levantam e que ultrapassam os indicadores atuais relativos à comparação entre a situação dos homens e das mulheres na academia e na ciência. O grau e valorização das unidades curriculares, cargos, áreas científicas, perfis e temas de investigação, as modalidades de financiamento e até mesmo a escolha de uma carreira de investigação devem ser equacionadas enquanto questões de gênero e correlacionadas com o uso, experiência, implicações e percepções do fator tempo pelas mulheres acadêmicas nestas questões. Este artigo tem como objetivo explicitar alguns dos traços principais dos usos do tempo, por parte das mulheres acadêmicas, identificando algumas das suas implicações para a política acadêmica e científica a nível institucional. A partir da análise de resultados provenientes de um cruzamento de estudos realizados envolvendo entrevista e observação, percebe-se claramente como as narrativas femininas sobre o tempo tendem a relativizar as dificuldades individuais na administração e alocação do tempo, face à importância atribuída à necessidade de responder a exigências de caráter estrutural nas instituições. Nesta perspectiva, destaca-se o interesse em aprofundar a conscientização sobre questões de gênero, incluindo o aprimoramento de indicadores para estudo e intervenção consentânea com a promoção da igualdade de gênero em contexto acadêmico.

**Palavras-chave:** Gênero; tempo; temporalidade; academia; ciência.

\* Doutora em Sociologia. Atualmente é Professora Auxiliar no Departamento de Sociologia e vice-presidente do Instituto de Ciências Sociais, da Universidade do Minho. A sua área de investigação inclui a Sociologia do Tempo e Cultura e Estudos Sociais da Ciência. É investigadora do CECS- Centros de Estudos de Comunicação e Sociedade. E-mail: emiliararaujo@gmail.com

\*\* Investigador do Centro Algoritmi da Escola de Engenharia da Universidade do Minho. Vice Presidente da Associação Brasileira de Sistemas de Informação e do Brazil Chapter of Association for Information Systems (BRAIS). Editor Chefe dos Cadernos de Educação, Tecnologia e Sociedade e Editor Associado do Directory of Open Access Journal (DOAJ). Membro de grupos de pesquisa na Universidade de São Paulo (USP), Universidade Mackenzie, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO); Instituto Federal de Goiás (IFG) e do Instituto Federal Catarinense (IFC). E-mail: vfbarros@dsi.uminho.pt

## ***Deadline mode: an analysis about academic women's time***

### ***Abstract***

This text seeks to explain some of the main features of the modes how academic women experience and use time, identifying some of its implications for science policy. Analysing data provided by some studies done by the author, involving interviews and observation, it is argued that feminine narratives tend to weaken the strength of the individual difficulties for administrating and allocating time, as regards the importance they attached to the need they feel to respond to requirements imposed upon them by structural demands. Finally, the text makes some considerations about how science policy benefits from the consideration of gender in its intersectionality.

**Keywords:** Gender; time; temporality; academy; science.

## ***Modo *deadline*: una análisis al tiempo de las mujeres académicas***

### ***Resumen***

Este texto tiene como objetivo explicar algunas de las principales características de los usos del tiempo, por las mujeres académicas, explicitando algunas de sus implicaciones para la política científica. A partir del análisis de los resultados de unos estudios realizados por la autora a partir de entrevistas y observación se conclui que las narrativas de las mujeres sobre el tiempo tienden a relativizar las dificultades individuales en la gestión y asignación de tiempo, dada la importancia que se concede a la necesidad que sienten para responder a los requisitos que consideran impuestas por el sistema de evaluación de carreras y la actividad académica y la investigación. Por último, el texto hace algunas consideraciones sobre cómo la política para la ciencia puede retirar beneficios de la explicación de la variable de género en su interseccionalidad.

**Palavras Lhave:** Genero; tiempo; temporalidad; academia; ciencia.

## **Introdução**

O tempo é uma das dimensões centrais do trabalho acadêmico e existem múltiplas questões relacionadas com o uso e a percepção do tempo que se levantam no quadro atual de transformação nas universidades. Neste artigo, procuramos entender mais de perto que significado adquire esta dimensão para as mulheres acadêmicas.

Para se entender as questões relacionadas com os usos e percepções do tempo na academia e na ciência numa perspectiva de género, são condições ou pressupostos de partida assumir que, “as questões de género” ou as “questões feministas”, endereçam a realidade social na sua multiplicidade e multidimensionalidade. Entendidas numa perspectiva interseccional, as questões de género que são também questões feministas (Cerqueira, 2014), sob as quais assentam os princípios e os pressupostos da organização social e política que se expendem a todos os universos da ação e da experiência social (Nogueira, 2013). Tal como afirma Silvia Walby (1997, p.27), “o género não é uma questão isolada. Manifesta-se em conjunto com outras desigualdades”.

Quando se observa o quadro mais específico das políticas para a ciência, são inúmeras as interrogações que se levantam e que ultrapassam os indicadores específicos relativos à comparação entre a situação dos homens e a das mulheres. Com efeito, o grau de valorização das áreas científicas, os perfis dos temas de investigação, as modalidades de financiamento, assim como as metodologias de avaliação devem ser equacionadas enquanto questões de género, na perspectiva de que, tal como menciona Nielsen (2015, p.22),

uma análise a partir das abordagens de género permite questionar algumas assumpções tomadas como garantidas que ainda prevalecem nas estruturas e culturas organizacionais evidenciando como certas formas e estilos de trabalho académico e certas ideias sobre a ciência e a investigação se tornam referências para a distribuição de recompensas e oportunidades, enquanto outras não (NIELSEN, 2015, p. 22).

Este artigo mostra como as análises aos usos, experiências e percepções do tempo podem configurar, não só em um modo adequado de abordagem dessa multidimensionalidade e pertinência da dimensão de género, como também como um veículo de reflexividade sobre a efetividade e a realidade do carácter gendrarizado do tempo e da temporalidade na academia e na ciência, com implicações diversas sobre os perfis de carreira.

Para este efeito, contaremos com os contributos de vários estudos realizados sobre, especificamente, a experiência do tempo na academia e na ciência, que grande parte dos quais são estudos críticos das tendências no sentido da expansão do capitalismo académico que atrai sobre si mudanças dramáticas do ponto de vista da aceleração do tempo (MENZIES & NEWSON, 2007, 2008; WINSLOW, 2010; VOSTAL, 2015).

Assim, faremos incidir a análise sobre o tempo e as temporalidades, tal como descritas e narradas por mulheres académicas, ligadas à atividade de ensino e de investigação. No contexto do debate que demarcámos acima, procuraremos evidenciar como a temporalidade e o tempo académico, em termos microsociológicos, continuam a constituir-se em elementos que tendem a ser bastante incompatíveis com a tipicidade das experiências temporais femininas. Concluiremos com um ponto um pouco mais dedicado à forma como a política científica pode incorporar as dimensões de género, não só a nível nacional e institucional, mas, sobretudo, ao nível organizacional.

## ***Níveis de tempo na ciência e academia***

Existem vários níveis de tempo na academia e na ciência. A temática do tempo nestes universos de atividade ainda não é tão central como se esperaria, o que se explica pela crença acerca do carácter “privilegiado” da atividade académica e de investigação, assim como pelo fato da experiência do tempo ser normalmente tomada como garantida e inevitável. Observa-se, ainda, por parte dos investigadores, um certo evitamento da discussão sobre as mudanças colossais que atravessa o tempo académico, em geral, no que respeita à diversidade e fragmentação de exigências e dissonâncias nos esquemas de

avaliação (MARTINS, BAPTISTA, ARAÚJO & LATIF, 2016; PEREIRA, 2016; ARAÚJO, 2015, 2016). Além disso, registra-se também uma certa hesitação em debater a intensificação da precaridade e situação de vulnerabilidade em que se encontram cada vez mais os professores e investigadores nas instituições de ensino e ciência. Tais posturas são ainda mais alimentadas pela progressiva flexibilização nos contratos de trabalho e/ou bolsas, tal como evidencia Mary Clarke (2015) em um relatório sobre as condições de trabalho no Ensino Superior na Europa e se encontra bem explicitado em outros trabalhos (KEHM & TEICHLER, 2013; PEREIRA, 2016).

O certo é que, tendo necessariamente em conta o contexto de grande desigualdade que atravessa todas as esferas e níveis de tempo dos profissionais do ensino e da investigação, explicada pelas desigualdades de acesso e permanência em posições de maior ou relativamente elevada estabilidade contratual, o tempo na academia e na ciência é hoje caracterizado pela presença e domínio do tempo linear, organizado mediante esquemas uniformes e estandardizados de avaliação individual e institucional e essa linearização é acompanhada de novas hierarquizações dentro da academia e da ciência que criam tempos "mais" e "menos" importantes (SILVEIRA & BIANCHETTI, 2016).

Embora pudessemos equacionar estas questões num plano mais amplo, das relações de género e das relações de trabalho, consideramos que é uma experiência temporal mais suscetível de moldar e afetar os percursos biográficos das mulheres, do que o dos homens, atendendo, por um lado, às limitações biológicas das mulheres em termos de realização de alguns projetos familiares e, por outro, às condições de "facilitação" do progresso dos homens em contexto académico. Todavia, na linha do que alertam estudos feministas (NOGUEIRA, 2013), o género não se basta a si próprio na definição dessas condições de desigualdade no acesso, disponibilidade e uso do tempo na academia e na ciência. No seguimento da abordagem de Pierre Bourdieu (2005), podemos afirmar que variáveis ainda pouco exploradas, como a ou as universidades de formação e de pertença, nacionalidade/etnia, orientação sexual, situação marital, idade, aspeto

físico, momento de entrada na carreira e as condições de recrutamento, relações afetivas com professores/cientistas já estabelecidos na carreira, ideologia, filiação partidária, condições e recursos nas instituições de pertença, podem ser aventadas no condicionamento da experiência e uso do tempo, por parte dos homens e das mulheres, podendo ser ainda mais efetivas no caso destas.

Ruth Muller (2014), Susan Clegg (2010) e Ulrike Felt (2015) consideram que este domínio da temporalidade linear se constitui na base de modelos de avaliação que privilegiam as trajetórias pessoais e curriculares marcadas pela acumulação de feitos curriculares, em desfavor da amplitude e qualidade dos projetos apresentados, o que pode constituir, desde logo, uma desvantagem para as mulheres, sobretudo quando estas tendem a apresentar, por motivos familiares, períodos menos intensos de atividade (MULLER, 2014). Philip Vostal (2015) considera que o tempo é um eixo de análise de negociação e reflexão da diversidade em contexto organizacional, sendo necessário considerá-lo como variável determinante na definição do trabalho académico.

Assim, alguns estudos denunciam a existência de conflitos de tempo na esfera académica e científica que são fundamentais na formulação da perceção sobre a pressão e "aceleração" do tempo. Oili-Helena Ylijoki (2010, 2013) e Mantyla Hans (YLIJOKI & HANS, 2003) explicitam três níveis diferenciados de tempo: o tempo marcado, caracterizado pelo domínio dos horários e dos calendários que se impõe pela urgência e prioridade no dia a dia dos académicos e investigadores, de múltiplas formas, incluindo plataformas, planos, projetos, etc; o tempo "sem tempo", que caracteriza o tempo da investigação propriamente dito e que, a princípio, se julga não sujeito a regras do tempo marcado porque se constitui no domínio da subjetividade e da experiência individual; e finalmente, o tempo do contrato que remete ao grau de durabilidade e estabilidade do contrato de trabalho e que se considera como variável determinante do modo de estar dos sujeitos em termos das atividades a desenvolver.

Ao documentarem a forma como vivem os cientistas e académicos estes tempos e que efeitos sugerem na pró-

pria experiência da temporalidade organizacional, as autoras (YLIJOKI & HANS, 2003) corroboram algumas das conclusões centrais a que têm chegado com outros estudos sobre variações de género e que já mencionámos acima: tendência para que as mulheres fiquem mais condicionadas pelo tempo marcado e com menos disponibilidade para o tempo de investigação devido a mecanismos de indução internos à organização; ou pelas dificuldades impostas por exigências de papel de género noutras esferas que acabam por configurar determinadas “realidades” organizacionais. Mesmo assim, num artigo mais recente Ylijoki (2010) documenta, na base de um estudo realizado na Finlândia, achados similares entre homens e mulheres académicas, no que respeita à perspectiva de futuro. A autora afirma que, apesar de os homens se identificarem mais com uma perspectiva temporalmente “marcada”, esta é a dominante, também, no caso das mulheres (YLIJOKI, 2010, p. 379).

Para entender a importância do tempo na academia e na ciência, sobretudo numa perspectiva de género, e no intuito de contribuir para uma política de tempo sensível ao género, é necessário destacar a fundamental importância da dimensão experiencial ou fenomenológica do tempo na construção da carreira. Com efeito, a disponibilidade do tempo está no tipo, número, sequência e modo de ligação de eventos que “acontecem” numa determinada duração, sendo que, tal como se expõem em vários estudos sobre a matéria do género e academia, os processos de desigualdade são, na sua maioria, encobertos, implícitos, subtis e progridem pela indução e socialização (WARD & WOLF-WENEL, 2012; NIELSEN, 2015, P. 34; SANTOS, 2016).

Assim, no quadro capitalista que vigora e permeia os mundos da ciência e da academia e que se tornam cada vez mais competitivos, do ponto de vista individual, existem vários elementos estruturantes em relação aos quais homens e mulheres se posicionam de forma diferencial, embora esta seja dificilmente refletida e tornada visível através dos discursos, tanto de homens, como de mulheres. Isso não acontece apenas devido ao funcionamento tradicional da cultura académica e científica que continua a privilegiar um perfil típico de cientista dedicado/a

e comprometido/a a cem por cento à atividade. Segundo alguns estudos (FOX, 2005), isto acontece também por via das atribuições, exigências e expectativas que recaem sobre as mulheres, nos contextos por elas experienciados, fora da academia e da ciência propriamente ditas.

Tal como se evidencia no último inquérito aos usos do tempo levado a cabo em Portugal, as mulheres continuam a estar em situação de desigualdade e de pressão de tempo, em comparação com os homens (PERISTA, CARDOSO, BRÁZIA, ABRANTES & PERISTA, 2016), ficando mais vulneráveis a situações de pobreza (FERREIRA & MONTEIRO, 2015).

No plano dos tempos e das temporalidades institucionais, destaquem-se o acesso e a permanência em redes de investigação – duas das variáveis fundamentais na construção da carreira em ciência e investigação – que se associam a outras, como a mobilidade geográfica e o desempenho de cargos de direção (GAUGHAM & BOZEMAN, 2016). Tanto as redes, como a mobilidade, são consideradas hoje, aliás, zonas de domínio centrais para quem ambiciona ou se pretende manter na carreira académica e de investigação. No relatório anual da Fundação Europeia para a Ciência (ESF, 2009, P. 30) constatavam-se as dificuldades das mulheres em manter redes de alto nível (em termos de presença e acesso a publicações com alto impacto e financiamentos internacionais) que continuam a ser mencionadas nos relatórios sobre a ciência mais recentes. Esta aparente “dificuldade” não é só devida às exigências a que acodem relativas sua vida pessoal e familiar, mas também a preconceitos e outros viés que caracterizam a sua visão sobre a carreira. Um outro estudo recente frisa a importância dos rituais de iniciação nas respetivas áreas e a socialização antecipatória durante os estágios como processos decisivos na geração da segregação das mulheres e outras minorias na Ciência (SERON, SILBERY, CECH & RUBINEAU, 2016).

Esta ideia é fundamental porque a presença em redes exige um grande nível de interdependência (não necessariamente correspondente a proximidade física) e resposta imediata aos ritmos do grupo. A desaceleração ou a saída do grupo, sobretudo em fases mais

iniciais de evolução da carreira e, mesmo que momentânea, pode implicar a "perda de ritmo" e, portanto, a perda de recompensas. Deste modo, espera-se também, um elevado grau de compromisso e de visibilidade no grupo que não são, por norma, compatíveis com as discrepâncias do tempo e das temporalidades sociais e, inclusivamente, biológicas e que, afinal, tanto podem marcar os percursos masculinos, como femininos (BITENCOURT, 2013).

Em um estudo conduzido acerca das carreiras científicas e gênero, Whittington (2011, p. 417) dá conta das dificuldades que podem representar para as mulheres as incidências da avaliação curricular nos projetos de extensão e de inovação. Assim, pode argumentar-se que o tempo na academia e na ciência é um tempo para a compreensão do qual é necessária uma perspectiva interseccional, que considere a multidimensionalidade do fenómeno e a diversidade de variáveis que o explicam e constituem. De modo abreviado, e contando que há tempos-contexto importantes na definição e entendimento de qualquer regime de tempo, pode se dizer, na base dos resultados apresentados pelos estudos que citamos, que o tempo na academia e ciência:

- Combina , em simultâneo, diversos tipos de tempo.
- No plano do tempo objetivo junta o tempo acumulativo e contínuo, ao tempo experimental, descontínuo e "vazio" que caracteriza mais o tempo da investigação, da preparação de aulas, orientação e proposição de projetos.
- No plano do tempo subjetivo e biográfico, junta o tempo biológico e social com o tempo contínuo e acumulativo inscrito na temporalidade da carreira.
- É dominado pelo trabalho relacional (da qual se infere a importância do capital social).
- É Marcado por um ritmo variável (espaço-tempo) da atividade em si (importância da área científica) e pela interpenetração contínua entre fronteiras de tempo ("ocupado" e "livre").

Pouco estudado na perspectiva da academia, o "tempo organizacional" (DAWSON & SYKES, 2016) constitui foco de grande relevo neste artigo, pois, independentemente de serem atravessadas por tempos macro-estruturais (várias vezes mencionadas nos discursos comuns enquanto "tendências"), as organizações académicas (aqui definidas como instituições de ensino superior) são produtoras de tempo e de perspectivas temporais que exercem domínio (neste caso difuso, usando a concetualização de Foucault) sobre os sujeitos. No quadro atual, a digitalização do tempo constitui um meio de reconfiguração do tempo-recurso que, por sua vez, modifica os espaços e as relações de trabalho (DAWSON & SYKES, 2016), com implicações de gênero.

Tomando, assim, como pano de fundo a complexidade que a análise da relação entre tempo e gênero propõe, procura-se neste texto detalhar alguns dos traços principais dos discursos das mulheres académicas sobre o modo como sentem e usam o tempo, mostrando como nestas construções discursivas acerca do tempo e da temporalidade se inscrevem práticas de representação de si enquanto académicas e enquanto mulheres.

Dado o estado de desenvolvimento preliminar da pesquisa, procura-se documentar os traços comuns principais nas experiências do tempo, tal como descritas pelas próprias mulheres académicas, abarcando três categorias centrais: i) a definição e avaliação do tempo; a ii) representação ou modelo de tempo referencial; e iii) o tipo de reconhecimento sobre a importância do gênero na determinação do tempo e no próprio uso do tempo. A análise destas categorias permite concluir sobre algumas das estruturas implícitas que governam os modos de pensar e atuar em contexto académico, revelando alguns dos traços principais de desigualdade que permanecem nos universos do ensino e da investigação.

### ***Nota metodológica***

O estudo dos usos e das representações do tempo usa com frequência diários do tempo, a partir dos quais se compila informação sobre as quantidades de tempo despendidas por actividade. Em contextos relacionados



com atividades criativas e de conhecimento o uso destas técnicas não está excluído, mas apresenta algumas fragilidades porque estamos a falar, na sua maioria, de atividades que não estão seguem um padrão regular, são bastante imprevisas e podem ser realizadas em contextos espaciais diversos, incluindo no tempo livre.

Por isso, e considerando o interesse em combinar informações numa fase posterior da investigação, relacionadas com a atribuição de tarefas e serviço docente, neste artigo utilizamos informação proveniente do uso de técnicas de recolha de informação de carácter compreensivo que permitem aferir sobre impressões, avaliações e experiências dos actores sociais: falamos da entrevista e da observação.

A observação direta implicou o registo de informação através de caderno diário e redação de memorandos e contém um elevado número de conversas registadas no âmbito das interações quotidianas no mundo académico e de investigação. As entrevistas que conduzimos fazem parte de um projeto mais vasto que continua em execução e que implica a recolha de informação intensiva junto da população de professores e investigadores nas universidades públicas portuguesas (Araújo, 2016) e conta com os contributos de estudos precedentes, nomeadamente de 61 entrevistas realizadas no âmbito da análise às trajetórias dos académicos e investigadores realizadas no âmbito do projeto Mobiscience (ARAÚJO & FONTES, 2013).

Estas entrevistas foram realizadas a partir de um pedido para participação enviado através de correio eletrónico a todos os investigadores e professores de uma universidade, o qual se fazia acompanhar de uma ligação eletrónica para um questionário com perguntas abertas e desenvolvidas dirigidas às dimensões de análise em estudo. Pedia-se, então, que escolhessem a modalidade de participação. 12 pessoas enviaram as respostas através da plataforma e uma preferiu ser entrevistada presencialmente. Do total, 07 são respostas de mulheres e 06 de homens. Estas entrevistas serviu como meio exploratório e teve se o cuidado persistente de comparar os resultados com outros já obtidos em trabalhos anteriores, assim

como desenvolvidos por outros investigadores citados ao longo do texto (VOSTAL, 2015).

Nesse sentido, procurámos efetuar uma análise da observação e das entrevistas dirigidas, não apenas ao que foi dito, mas, fundamentalmente, aos sentidos e significados veiculados pelos entrevistados, não considerando nesta fase a análise de variáveis como a área científica, a posição na carreira ou a instituição que pertença. Deste modo, incidimos a análise sobre elementos comuns às várias narrativas das mulheres, procurando as categorias centradas sobre a experiência do tempo, tal como vivido pelas próprias.

Procedemos ao tratamento do conteúdo a partir da definição de temas decorrentes da problematização do problema, focalizando a análise sobre os seguintes aspectos: (i) a presença/ausência de definição do tempo disponível, a avaliação do tempo disponível e suas características, (ii) a presença/ausência de constrangimentos ao uso do tempo, (iii) os princípios de estruturação do valor do tempo e (iv) o modelo de tempo dominante sobre o qual residem as narrativas individuais.

## ***Apresentação de resultados***

### **Definição e avaliação do tempo**

#### ***Objeto de descrição (tipo de tempo)***

As descrições sobre o tempo disponível pautam-se largamente pela impressão de escassez, falta de tempo e gasto de tempo dedicado a atividades entendidas como sendo menos valorizadas, como orientação científica de alunos de pós graduação. O foco da descrição **é a** difícil coordenação e divisão de tempos, nomeadamente em termos de ensino e investigação; ensino e extensão e procura de financiamento e investigação/vida privada e familiar.

- O meu tempo **é cada vez mais escasso** para desenvolver as atividades de ensino e, sobretudo, de investigação. É necessária uma enorme disciplina

e planejamento do trabalho, até porque para além dessas atividades há muitas outras. No meu caso, procuro conciliar, sempre que possível, as atividades de ensino e de investigação, mas haverá áreas em que isso pode ser difícil de fazer. De uma forma geral, a ideia é de **falta de tempo**, permanentemente, sobretudo para quem quer desenvolver uma investigação séria, efetuar novas leituras e dar **a devida atenção aos alunos e às orientações de dissertações** de mestrado e teses de doutoramento. (Mulher, catedrática).

Além da dificuldade na gestão das fronteiras espaço-temporais que caracterizam sobretudo as tarefas relacionadas com a investigação (experimentação, escrita, entre outras), observa-se que a descrição sobre os usos do tempo está marcada pela ideia de que tais atribuições têm aumentado ao longo dos anos:

- Considero que há um desequilíbrio profundo entre as tarefas propostas e esperadas e o tempo efetivamente existente para as realizar (...). Em geral, e como balanço de muitos anos de docência tenho objetivamente muito mais trabalho para o mesmo tempo disponível. Em geral, o meu trabalho (enquanto docente, investigadora e responsável por cargos de gestão e interação com a sociedade) avolumou-se de tal ordem **que não consigo arranjar tempo para cuidar de mim**, das minhas refeições, da minha saúde, da minha casa, da minha família, de nada. **Sobrevivo em todas essas áreas** para que o trabalho corra bem (Mulher, professora auxiliar).

Os dois excertos apresentados são demonstrativos do perfil de descrição do tempo que caracterizam tanto mulheres, como homens, todavia, são mais elucidativos das primeiras que descrevem com mais detalhe, do que os seus colegas homens, a experiência da falta de tempo e progressiva perda de controlo na atribuição de tempo, sem se referirem, de forma explícita, mesmo assim, a exigências exógenas à atividade académica e/ou de investigação, como seriam as relacionadas com exigências de foro privado e /ou outras associadas a atividades e afazeres tradicionalmente gendarizados.

Em um dialogismo com os elementos intrínsecos ao desempenho da atividade propriamente dita, é certo que

as narrativas dão ênfase, neste caso, às atividades e exigências da atividade profissional, propriamente ditas, por relação com o tempo "roubado" a esferas de natureza mais pessoal, como a saúde, a casa, a família. Mas trata-se e uma referência que não é atribuída ao exercício de papéis de género, tal como veremos a seguir.

Com efeito, são poucas referências aos constrangimentos "de género" (sócio culturais e também biopsicológicos). A "impossibilidade" ou a "dificuldade" surgem como produtos das estratégias de adaptação ao modelo tido como referencial, porque o tempo está marcado por referências abstratos, externos e naturalizados como normais e necessários.

Faço constantemente diretas (fico sem dormir de noite) para submeter projetos, escrever artigos corrigir monografias e relatórios e teses. Perco tempos infundáveis com burocracias das encomendas e no stresse das faturas. Faço tudo, o meu trabalho e o dos outros. Não tenho filhos, nunca tive tempo. Não tenho um confortável, o meu tempo acabará daqui há uns anos...E até lá sei que não terei tempo de procurar emprego. E quando o perder ninguém terá tempo para me dar. Penso muitas vezes em que vida é esta. Tive 15 dias de férias e senti que estava a perder tempo. (Mulher, professora auxiliar).

Os "problemas quotidianos" do tempo aparecem sob a forma do que "não se consegue fazer", ou do que "não se tem tempo para fazer". Mesmo quando o constrangimento é mencionado, reconfigura-se como opção pessoal, de modo a "conseguir cooperar".

Sobre este tema concluímos que se sobrepõem nas narrativas das mulheres académicas a conceção do tempo-recurso (que é preciso usar e aproveitar) e o tempo-corpo (relativo ao modo como se vive o tempo e se experiencia, mediante as atribuições realizadas).

### ***Constrangimentos (existência e tipo)***

Com efeito, a narrativa sobre os usos do tempo está repleta de referências a constrangimentos externos. Estes



surtem, no entanto, fragilmente identificados e são dados, por norma, como condicionantes de falta de tempo. Os discursos enfatizam largamente o controlo do tempo/fragmentação e ausência de limites espaço temporais impostos sob as atividades, mas a origem dos constrangimentos é pouco evidenciada. O tempo aparece como um “problema” sistémico, endémico, perante o qual é preciso “sobreviver” e “ir conseguindo gerir” gerir. Por isso, os “problemas quotidianos” do tempo aparecem sob a forma do que “não se consegue fazer”, ou do que “não se tem tempo para fazer”.

Tal como disseram acima, os constrangimentos pessoais são pouco mencionados e descritos e, mesmo quando são referidos, reconfiguram-se, são afirmados como sendo fruto de uma opção pessoal, de modo a “conseguir cooperar”. O caráter relativamente “anónimo” dos condicionantes sobre os usos do tempo é unicamente quebrado pela saliência conferida ao estatuto/posição na carreira. Esta assume-se como uma variável importante na definição da disponibilidade e dos usos do tempo em geral, sendo considerada uma fonte de desigualdade, ou, por outra, um constrangimento temporal. A identificação dos constrangimentos sob o tempo é mais notória quando se observa o caráter ideal do tempo, o tempo que se desejaria ter. No excerto abaixo, a falta de tempo “livre” surge identificada como causa dilemas de ordem mais relacional:

- [Desejava] ter uma vida mais normal. Ter todos os fins-de-semana para descansar, quando quase não tenho nenhum, fechar a porta do trabalho e abrir a de casa e não é isso que acontece. Estou sobrecarregada e exausta e isso já afetou a minha relação afetiva muitas vezes. (Mulher, professora auxiliar).

### ***O valor do tempo***

Mais acedível através da observação realizada numa perspetiva fenomenológica, que intenta a identificação da compreensão dos sujeitos face às suas próprias ações e intenções, o valor do tempo traduz o grau de importância conferido às unidades quantificáveis de tempo e que discutimos na problemática nele tendo sido conclu-

ído que o valor do tempo varia conforme a tipologia das relações de poder que medeiam os seus usos.

A análise de informação que recolhemos permite estabelecer que, em grande discordância com o discurso objetivado das mulheres que desviam as explicações do seu tempo para fora da árbitra das exigências de papel social, as mulheres tendem, nos universos do dia a dia académico, a esperar mais (por tudo, mesmo por momentos transitórios das interações quotidianas). São também mais propensas a receberem ou serem recomendadas para o tempo-administrativo; tempo-orientação; tempo-preparação; tempo-relatório; e tempo-avaliação (como verificação de faturas e burocracias).

As mulheres estão mais vulneráveis a exigências de última hora, sendo de mais difícil auscultação relativamente a constrangimentos de tempo na marcação de eventos, reuniões, aulas ou outros, sendo mais visadas em julgamentos sobre tais constrangimentos. Esta expectativa sobre o julgamento que recai sobre as dificuldades potenciais relativamente a algum tipo de tempo pode constituir, por si mesma, uma razão de encobrimento dos constrangimentos pessoais e ou familiares, ou pelo menos, a sua omissão compensada com recurso a ajudas externas.

A observação aos usos do tempo permite ainda concluir duas ideias que consideramos pertinentes. Por um lado, a ideia de que estas discrepâncias e desigualdades no julgamento e na valorização do tempo estão profundamente mediadas pelo estatuto e posição do sujeito, embora carreguem invariavelmente o efeito de género, tal como descrito acima (com as mulheres, em todos os cargos e posições académicas a verem o seu tempo menos valorizado, do que o dos seus colegas homens).

Por outro lado, a ideia de que há uma certa vantagem acumulativa nas carreiras masculinas retirada da parceria do trabalho com mulheres. Estas, recolhendo mais atividades menos importantes, do ponto de vista de vista da avaliação do desempenho, libertam indireta e, por vezes, inadvertidamente, mais tempo para as carreiras dos colegas homens, cuja propensão para participar em

atividades de extensão e mobilidade internacional, entre outras, se revela ser superior.

### **Modelo de tempo referência**

A narrativa sobre os usos do tempo por parte das acadêmicas e investigadoras está bastante condicionada pela necessidade de valorizarem os seus percursos e os seus tempos em função do mérito e do esforço pessoal, mais do que revelar os condicionamentos de género, de idade, de classe e, mesmo, de posição hierárquica ou, até, a área científica. Mas são as próprias mulheres que subscrevem e revelam, implicitamente, a necessidade de moldarem o seu tempo ao tempo linear inscrito nos esquemas de avaliação de desempenho estabelecidos institucionalmente. Apesar de serem muitas as referências aos constrangimentos impostos pela temporalidade exógena, e instituições que "exigem cada vez mais", que não estabelecem "limites", as narrativas estão marcadas pela necessidade que sentem em ajustar-se a este modelo naturalizado como referencial. O modelo do tempo linear- tempo produto/produção científica traduzida em artigos. Observem-se os dois excertos seguintes:

- Apesar de alguma sobrecarga de trabalho, **vou conseguindo geri-lo de uma forma razoável e eficaz**. Gostaria de ter mais tempo para ler na minha área de trabalho. (Mulher, catedrática)

- Sim. Gostava de profissionalmente ter mais tempo para desenvolver coisas consistentes, ter tempo para pensar, para analisar e não andar sempre em **modo de deadline**. (Mulher, investigadora auxiliar)

O *modo deadline* que aqui reconhecemos como conceito emergente por de ter validade heurística na definição identitária do/a investigador/a académico/a, traduz a necessidade interiorizada de corresponder a esse esquema de avaliação performativo característico do modelo capitalismo académico, fragmentado e especializado e sujeito a uma racionalização unilateral. "desenvolver coisas consistentes", "ter tempo para pensar" traduziriam um esquema de trabalho académico moldado segundo outros objetivos de caráter mais sustentável que interrogam a realidade.

### **Discussão**

A questão do tempo na academia e a na ciência ainda está pouco explorada, sobretudo tendo em conta as mudanças e constrangimentos impostos mais recentemente nas universidades e nas instituições de ensino superior e que tem trazido um conjunto de questões novas relacionadas com a precarização do trabalho, aumento da mobilidade geográfica e científica e, ainda, deslocação dos centros de ciência no país e no mundo. Todavia, dos estudos existentes e desenvolvidos em diversos países, confirma-se a tendência no sentido do esmagamento do tempo quotidiano dos profissionais, com especial incidência dos que estão em situação mais vulnerável na carreira, tanto em instituições públicas, como privadas, embora nestas os regimes de tempo sejam ainda mais rígidos (MULLER, 2014; NIELSEN, 2015; ARAÚJO, 2015; PEREIRA, 2016).

Trata-se de uma tendência que tem sido discutida, mesmo assim, sob outros ângulos, nomeadamente em termos da própria natureza das carreiras e do trabalho académico e, em particular, em instituições com menores recursos ou localizadas em países com menor dinamismo na investigação orientada para o mercado. Os estudos de género, e sobretudo, a análise da sua complexidade e interseccionalidade permitem perceber muitos dos efeitos destas dinâmicas que, de outra forma, permaneceriam encobertos e que podem surgir mais reforçados à custa dessas mesmas tendências. Com efeito, os resultados da análise que fizemos evidenciam, em primeiro lugar, a ausência de política de género, ou a sua extrema fragilidade, no contexto das universidades que se revela na não reflexividade sobre esta condição identitária.

Os resultados revelam que o nível institucional/organizacional quase não existe nas narrativas individuais das mulheres, embora, do ponto de vista da sua definição, seja tão essencial no planeamento e no futuro da política científica e académica (de ensino superior) (MARTINS et al., 2016; PEREIRA, 2016). Aliás, neste ponto, as narrativas das mulheres apresentam-se bastante idênticas às dos colegas, homens. Os horários, as atividades a desenvolver, as tarefas a executar surgem representadas como im-

posições externas, fruto de entidades não propriamente denomináveis, no fundo, resultado de inevitabilidades não questionáveis e às quais o sujeito (aqui representando mulheres e homens) se vê obrigado a adaptar.

Neste sentido, compreende-se que os tempos pessoais e/ou familiares sejam considerados na dependência da estratégia e da organização individuais, prevalecendo, como surge recorrentemente ressaltado nos estudos de género, um discurso que enfatiza largamente o carácter meritocrático das carreiras e do tempo académico. Lembremos, neste quadro, o contributo de Pereira (2016) que, de forma muito original, defende que as questões da precarização e intensificação do trabalho de investigação devem ser recolocadas como questões coletivas e estruturais e não meramente individuais o que remete para o interesse de discutir e operacionalizar uma política de tempos na universidade.

Os resultados apresentados permitem confirmar as tendências verificadas noutros trabalhos sobre os tempos e temporalidades (BENTLEY, 2012; WINSLSON, 2010), observando-se que a divisão sexual do trabalho académico e científico (mais expressa na disponibilidade de tempo para o ensino/orientação e/ou pesquisa científica), alicerçada na valorização diferencial de atividades e operada através de mecanismos implícitos, é ainda estruturante das dinâmicas organizacionais dos contextos de investigação e de ensino.

Um elemento constante nas diversas narrativas que foi recolhido neste estudo e compatível com os achados etnográficos é o facto de as mulheres terem discursos muito similares entre si no que respeita à não explicitação da divisão sexual do trabalho académico (inclusive, face aos novos contextos de exigência, mediados pela premência das respostas a sistemas de controlo de qualidade).

Convém mencionar que a esta divisão, correspondem várias outras formas de valorização/subvalorização que continuam a estruturar-se na base da desigualdade de género. Podem mencionar-se as valorizações de área científicas e de temas de investigação e, ainda, as valo-

rizações diferenciadas em termos de metodologias aplicadas, ou de cargos desempenhados.

Importa considerar, à luz da literatura citada que a debilidade da interiorização e da importância do género e do tempo na definição e na implementação de política científica e de investigação, não se observa apenas no distanciamento face à condição de género revelado nos discursos das entrevistadas, mas também, e fundamentalmente, na uniformização e estandardização dos critérios constituintes da carreira académica ideal, de “excelência”. Esta ideia revela-se importante porque demonstra a relevância que adquire, tal como observado nas citadas efetuadas acima, a qualidade dos processos de organização do trabalho académico e científico para o tempo individual, nas respetivas organizações. Aqueles incluem, inevitavelmente, a dimensão do tempo, traduzida na atribuição e regulação temporal de tarefas, recursos e outros apoios. Deste ponto de vista a cultura organizacional, incluindo o à vontade no manejo da diversidade de género de amplo aspeto, assume-se como variável central na definição do futuro do ensino superior e da ciência (MULLER, 2014; NIELSEN, 2015; SANTOS, 2016).

A abordagem de Walby (1997) acerca do tempo e da temporalidade capitalista e suas formas de instilação nas temporalidades e tempos individuais permite-nos estabelecer como hipótese central que a experiência do tempo académico/na ciência está centrada sobre a prevalência do valor do tempo quantificável, com impacto imediato, realizado com recurso a softwares de demonstração, subvalorizando o tempo-preparação; tempo-orientação, tempo-teste/erro e recurso a trabalho não pago ou precário, assim favorecendo um certo perfil de investigador / cientista que responde a essa linearidade e a essa perspetiva.

Favorece, também, um certo perfil de cultura organizacional orientada no mesmo sentido, na base da qual se naturalizam discursos e práticas sob as quais assentam os processos inerentes aos modos de “fazer género” (NIELSON, 2015), assim se percebendo o interesse em aprofundar mais as narrativas individuais sobre o tem-

po e a temporalidade, destacando as formas pelas quais os próprios sujeitos entendem as perspectivas temporais institucionais e políticas e se posicionam face a estas. Por exemplo, pode entender-se, embora sem estudar, de forma detalhada, a interconexão com outras variáveis, que determinados tipos de tempo, como o tempo-cuidado-reciprocidade que caracteriza as relações de orientação científica, acompanhamento, organização de eventos se tornem invisíveis, desvalorizados. Além disso, diversas variações das temporalidades biopsicológicas do tempo feminino/masculino são tidas como manipuláveis, contornáveis e objeto de decisões individuais. No decurso do alinhamento que fazemos a partir de Walby (1997), pode-se perceber a existência de uma falsa assunção sobre a hegemonia da experiência social do tempo que é concomitante com a desvalorização e essencialização entre um tempo que se considera "masculino" e um tempo que se entende ser "feminino".

## Conclusão

Este artigo teve por objetivo apresentar um contributo sobre os discursos e experiências do tempo e das temporalidades por parte das mulheres académicas e cientistas que se consolida desde 2005, com um primeiro trabalho que foi realizado envolvendo doutorandos e doutorandas. Os resultados que apresentamos são, assim, exploratórios, e merece sua atenção pela coerência e consistência nos resultados atingidos por via da análise de conteúdo centrada sobre as dimensões de análise apresentados por outros estudos anteriores e em curso. Os resultados apurados dão conta, na linha do que vem sendo discutido (Macleod, Blackstock & Haygarth, 2008; Martins et al., 2016) ser necessária a institucionalização de uma paradigma de ciência integrada, inclusiva do ponto de vista científico, territorial e étnico, propondo a necessidade de as políticas para a ciência estarem alinhadas com várias escalas temporais.

Tais escalas exigem a consideração do tempo-género (dimensão social, cultural e biopsicológica) na atividade

científica (plano biográfico e do dia a dia) e a sua influência no futuro da ciência e do ensino superior, em termos de contributo efetivo para o bem comum, validando-se a ideia de que há um conjunto de outras variáveis muito ligadas aos modos de funcionamento social e organizacional que, pela associação a outras situações de vida e características biológicas, reforçam ainda mais possibilidades de igualdade de género na academia e na ciência.

O texto deixa-nos algumas pistas de reflexão sobre a relação entre a geração de informação no contexto das instituições de ensino e a construção de contextos adequados para a tomada de decisão de política científica integrada. Com efeito, e no plano dos impactos, gostaríamos de frisar que os estudos sobre o tempo e as temporalidades na academia e contemplando os princípios de igualdade de género, podem sair hoje favorecidos face às potencialidades que apresenta o uso de tecnologias de informação e de comunicação, nomeadamente no que respeita à recolha, tratamento e produção de informação de apoio à decisão, tanto no plano legislativo, como executivo.

A pesquisa que estamos a efetuar no quadro dos usos e representações do tempo dá conta da ainda frágil atenção dada pelas instituições ligadas à investigação e ao ensino superior à categorização, recolha e tratamento de informação de apoio à decisão que seja também sensível ao género (*gender sensitive*) e informe sobre padrões de uso do tempo e suas mudanças ao longo do tempo das instituições.

Neste plano, surge como dado relevante deste estudo o interesse em gerar trabalho colaborativo entre áreas disciplinares, a partir do qual se pode prover a conceção e a operacionalização de processos permanentes de recolha de informação, não apenas de carácter descrito ou estático, mas incluindo métodos participativos de recolha que facilitam dados sobre as perceções, representações e sensibilidades dos públicos que constituem estas instituições, incluindo estudantes, docentes, investigadores e colaboradores não docentes e administrativos.

## Notas

\* Emília Araújo Professora do Departamento de Sociologia do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho. Doutoramento em Sociologia pela Universidade do Minho e Pós-doutoramento em Sociologia pela Universidade do Minho-Universidade de Cardiff. É Vice-Presidente do Instituto de Ciências Sociais e Diretora do Mestrado em Sociologia da Universidade do Minho. É Investigadora Efetiva do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade e Investigadora associada do SOCIUS - Centro de Investigação em Sociologia Económica e das Organizações do ISEG - Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade de Lisboa. Ensina nas áreas das metodologias, cultura e tecnologia e tem desenvolvido trabalho de investigação sobre sociologia do tempo, mobilidades e ciência. E-mail: emiliararaujo@gmail.com

\*\* Victor Barros Pesquisador do Centro Algoritmi da Escola de Engenharia da Universidade do Minho e faz parte do Grupo de Pesquisa Information Systems and Technologies in Organizations (ISTOrg); Secretário Executivo do Science and Education Research Council (COPEC); Editor Gerente dos Cadernos de Educação, Tecnologia e Sociedade (CETS), Proceedings of Safety, Health and Environment World Congress (SHEWC), Proceedings of International Conference on Engineering and Computer Education (ICECE), Proceedings of World Congress Communication and Arts (WCCA), Proceedings of International Conference on Engineering and Technology Education (INTERTECH) e Proceedings of World Congress on Systems Engineering and Information Technology (WCSEIT). É Professor Pesquisador da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO); Instituto Federal de Goiás (IFG); Instituto Federal do Amapá (IFAP); Instituto Federal Catarinense (IFC). E-mail: vfbarros@dsi.uminho.pt

## Referências

- ARAÚJO, Emília. Uma abordagem sobre o tempo de(para) na ciência e academia. **Revista APS Online**, 12, 2016. Disponível em <<http://revista.aps.pt/?cad=REV586e49b39f9d2&tipo=TA R4b223cfff053b&art=ART586f91cecdb97>> . Acesso Abr 2017.
- Araújo, Emília. O Tempo dos (para) os docentes e pesquisadores numa perspectiva do gênero, **Revista Ártemis**, nº20, p.39-56, 2015.
- ARAÚJO, Emília; FONTES, Margarida. Mobilidade de Pesquisadores em Portugal: uma abordagem de gênero, **Revista Ibero-Americana de Ciência e Tecnologia**, nº 23, p.9-43, 2013.
- BENTLEY, Peter. Gender differences and factors affecting publication productivity among Australian university academics, **University of Melbourne Journal of Sociology**, vol. 48, n.1, p. 85–103, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- BITTENCOURT, Silvana Maria. **Maternidade e Carreira**: Reflexões de Acadêmicas na Fase do Doutorado. Jundiaí: Paco Editora, 2013.
- CERQUEIRA, Carla. Os média, os públicos e os discursos de gênero: (in)visibilidades, linguagens e protagonistas. *Publiversidade*. representações sociais e igualdade de gênero na publicidade, p. 7-16, 2014.
- Clarke, Mary. **Creating a Supportative Working Environment in European Higher Education**, 2015. Disponível em: <<https://issuu.com/educationinternational/docs/highereducation>>. Acesso em: jun 2016.
- CLEGG, Sue. Time future—the dominant discourse of higher education, **Time & Society**, vol.19,n.3, p. 345-364, 2010.
- DAWSON, Patrick; SYKES, Christopher . **Organizational Change and Temporality: bending the arrow of time**: Routledge, 2016.
- ESF. European Science Foundation. **Annual Report**. European Science Foundation, 2009.
- FELT, Ulrike. The temporal choreographies of participation: Thinking innovation and society from a time-sensitive perspective, 2015. Disponível em: <<http://sts.univie.ac.at/publications>>. Acesso em:jun 2016.
- FERREIRA, Virginia; MONTEIRO, Rosa. Austeridade, emprego e regime de bem-estar social em Portugal: em processo de refamilização?, **Ex æquo** n.32, p.49-67, 2015.
- FOX, Mary Frank. **Gender, family characteristics, and publication productivity among scientists**, **Social Studies of Science**, vol.35, n.1, p.131-150, 2005.
- SANTOS, Gina. Career barriers influencing career success: A focus on academics' perceptions and experiences", **Career Development International**, vol. 21, n.1, pp.60 – 84, 2016.
- GAUGHAN, Monica; Bozeman, Barry. Using the prisms of gender and rank to interpret research collaboration power dynamics, **Social Studies of Science**, vol. 64, n.4, p.536–558, 2016.
- KEHM, Barbara; TEICHLER, Ulrich. **The Academic Profession in Europe: new tasks and new challenges**. Holanda: Springer, 2013.
- MACLEOD, C. J. A.; Blackstock, K. L.; Haygarth, P. M. Mechanisms to improve integrative research at the science-policy interface for sustainable catchment management, **Ecology and Society**, vol.13,n.2, 2008. Disponível em: <<http://www.ecologyandsociety.org/vol13/iss2/art48/>>. Acesso em: jun 2016.
- MARTINS, Moisés; Baptista, Maria Manuel; Araújo, Emília; Latif, Larissa. Ciência e conhecimento: políticas e discursos. **Revista Lusófona de Estudos Culturais**, [S.l.], v. 3, n. 2, p. 7-17, jun. 2016. ISSN 2183-0886. Disponível em: <<http://estudosculturais.com/revistalusofona/index.php/rlec/article/view/251/154>>. Acesso em: 15 Set. 2016.
- MENZIES, Heather; Newson, Janine. Time, stress and intellectual engagement in academic work: Exploring gender difference, **Gender, Work and Organization**, vol.15, n.5, p.504–522, 2008.
- MENZIES, Heather; NEWSON, Janice. No time to think: Academics' life in the globally wired university, **Time & Society**, vol.16,n.1,p.83–98, 2007.



- MULLER, Ruth. Racing for What? Anticipation and Acceleration in the Work and Career Practices of Academic Life Science Post-docs, *Qualitative Social Research*, vol.15, n.3, 2014. Disponível em: <<http://www.qualitative-research.net/index.php/fqs/article/view/2245/3726>> Acesso em: Ago 2016.
- NIELSEN, Mathias. Gender inequality and research performance: Moving beyond individual-meritocratic explanations of academic advancement. *Studies in Higher Education*, 4: 1-23, 2015.
- NOGUEIRA, Conceição. **A Teoria da Interseccionalidade nos estudos de gênero e sexualidades**: condições de produção de "novas possibilidades" no projeto de uma psicologia feminista crítica, Práticas Sociais, Políticas Públicas e Direitos Humanos, 2013.
- PEREIRA, Maria do Mar. 2016. Struggling within and beyond the Performativity University: Articulating Activism and Work in "academia without walls", *Women's Studies International Forum* 54: 100-110.
- PERISTA, Heloisa; Cardoso, Ana; BRÁZIA, Ana; ABRANTES, Manuel; PERISTA, Pedro. **Os Usos do Tempo de Homens e de Mulheres em Portugal**. Disponível em <[http://www.cite.gov.pt/asstscite/downloads/publics/INUT\\_livro\\_digital.pdf](http://www.cite.gov.pt/asstscite/downloads/publics/INUT_livro_digital.pdf)>. Abr 2016.
- SERON, Carroll; SILBERY, Susan; CECH, Erin; RUBINEAU, Brian. Persistence is cultural professional socialization and the reproduction of sex segregation, *Work and Occupations*, vol. 43, n.2, p. 178-214, 2016.
- SILVEIRA, Zuleide; BIANCHETTI, Lucídio. Universidade moderna: dos interesses do Estado-nação às conveniências do mercado. *Revista Brasileira de Educação*, vol.21, n.64, pp.79-99, 2016.
- VOSTAL, Filip. Academic life in the fast lane: The experience of time and speed in British academia, *Time & Society*, vol. 24, n.1, p.71-95, 2015.
- WALBY, Silvia. **Gender Transformations**. Londres: Routledge, 1997.
- WARD, Kelly; WOLF-WENEL, Lisa. **Academic motherhood: how faculty manage work and family**: Rutgers University Press, 2012.
- WHITTINGTON, Kjersten Bunker. Mothers of invention? gender, motherhood, and new dimensions of productivity in the science profession. *Work and Occupations*, vol.38,n.3:p. 417 – 456, 2011.
- WINSLOW, Sarah. Gender inequality and time allocations among academic faculty", *Gender & Society*, vol.24, n.6, p.769-793, 2010.
- YLIJOKI, Oili-Helena. Boundary-work between work and life in the high-speed university", *Studies in Higher Education*, vol. 38, n. 2, p. 242 –255, 2013.
- YLIJOKI, Oili-Helena. Future orientation in episodic labour: Short-term academics as a case in point", *Time & Society*, vol.19, n. 3, p. 365–386, 2010.
- YLIJOKI, Oili-Helena; Hans, Mäntylä. Conflicting time perspectives in academic work", *Time & Society*, vol. 19, n. 3, p.365–386, 2003.

Recebido em 04 de abril de 2017.

Aceito em 30 de abril de 2017.